

JOÃO ALBINO PINTO FERREIRA

RECONSTITUIÇÃO DE UMA NAU
DO SÉCULO XV

sob a orientação do Mestre Martins Barata



PORTO • 1972

SEPARATA DO VOLUME

“O PORTO E OS DESCOBRIMENTOS”

JOÃO ALBINO PINTO FERREIRA

RECONSTITUIÇÃO DE UMA NAU
DO SÉCULO XV

sob a orientação do Mestre Martins Barata



PORTO • 1972

Tomei por tema desta comunicação proferir algumas palavras, acerca da reconstituição de uma nau do séc. XV que se encontra exposta no certame documental e bibliográfico, comemorativo do «V Centenário do nascimento de Vasco da Gama». A *Casa do Infante* sente-se honrada com esta oportunidade que lhe é dada e à qual, de modo algum, poderia manter-se alheia, pois nenhum outro ambiente quadraria melhor para os fins desta Exposição.

A escolha do assunto visou, igualmente, a prestar simples mas sincera e devida homenagem ao recém-falecido e talentoso Mestre Jaime Martins Barata.

É de todos conhecida, a extraordinária e variadíssima actividade artística e literária de Martins Barata: consagrou-o, particularmente, o desenho e a pintura, sendo sobretudo neste campo que mais brilhantemente se expandiu a sua inspiração. Discípulo de Raquel Gameiro, «depois duma formação autodidáctica, rapidamente se notabilizou nas exposições anuais da Sociedade Nacional de Belas-Artes» (1). Algumas das suas

(1) Jaime Martins Barata nasceu em 7 de Março de 1899, na freguesia de Póvoa e Meadas, do concelho de Castelo de Vide. Filho de José Pedro Barata e de D. Antónia de J. M. Barata. Terminado o curso da Escola Normal Superior de Lisboa, frequentou depois a Escola de Belas-Artes, onde fez exame das cadeiras exigidas por aquele curso. Muito novo ainda, habilitou-se para professor do 9.º grupo dos Liceus, obtendo ainda a habilitação complementar das antigas Escolas Normais, com alta classificação. Os seus trabalhos expostos na Sociedade Nacional de Belas-Artes,

obras são pertença valiosa de vários museus nacionais e estrangeiros. No Porto, aponta-nos a sua presença, principalmente, o belo fresco — *A Cúria Régia* — que documenta e decora, brilhantemente, um dos salões do Palácio da Justiça.

foram sempre premiados até à medalha de honra. Tem, além disso, aguarelas nos Museus do Rio de Janeiro, S. Paulo e Madrid, bem como na posse de muitos particulares. Nomeado professor do Liceu Pedro Nunes, por portaria de 13 de Outubro de 1922, nunca abandonou a pintura, dedicando-se à grande decoração moral, na Exposição de Sevilha de 1930. Posteriormente, foi nomeado professor dos Liceus Mousinho da Silveira, de Portalegre, por portaria de 30 de Setembro de 1923, dos Liceus Bocage, de Setúbal, de Gil Vicente e Passos Manuel, de Lisboa, conforme publicação dos Diários do Governo de 17 de Julho de 1925, de 7 de Maio de 1928 e de 22 de Novembro de 1940. Além dos dois grandes trípticos da Exposição do Mundo Português, são também de sua autoria os dois trípticos da escadaria nobre do Palácio da Assembleia Nacional. A sua actividade foi intensa, tanto na pintura religiosa, como de evocação histórica, conforme o comprovam o fresco de Sto. Eugénio de Roma, outros nas igrejas de S. Tiago da Covilhã e do Bom Pastor em Viseu e ainda os dos Palácios da Justiça de Santarém, Porto, Vila Real, Castelo Branco, Fronteira, Olhão, Montijo, Vila Franca, Seia, Gouveia, Aveiro e Vila Pouca de Aguiar. Merecem, também, especial menção as tapeçarias dos Palácios da Justiça de Lamego, Oliveira do Hospital e Funchal. De modo muito particular dedicou-se igualmente ao autêntico fresco, o «*buon fresco*», cuja técnica aprofundou com a prática de mais de 400 metros quadrados. Como consultor artístico dos C. T. T. desenvolveu acção muito mais apreciada pela crítica estrangeira, do que pela própria filatelia nacional, chamando a colaborar consigo, em emissões postais, muitos dos nossos melhores artistas, na intenção de dar a conhecer nos nossos selos as várias tendências actuais da Arte Portuguesa. Sobre arqueologia naval tem estudos actualizados, principalmente, referentes ao século que decorre entre os meados de quatrocentos e os de quinhentos, ou seja no período henriquino e manuelino. Comendador Oficial de S. Tiago da Espada (1941) e Grande Oficial de S. Tiago da Espada (1941); Conselheiro artístico dos C. T. T. (1947), Membro da Academia Nacional de Belas-Artes, foi equiparado a bolseiro do Instituto para a Alta Cultura, conforme publicação no Diário do Governo de 1 de Outubro de 1945 e de 20 de Outubro do mesmo ano e 31 de Julho de 1946. Como professor do Liceu Passos Manuel não deu faltas nem gozou de licenças, tendo apenas dado cinco faltas justificadas em Outubro de 1946. Em 1 de Novembro de 1946 foi de novo equiparado a bolseiro do Instituto para a Alta Cultura, durante nove meses, conforme publicação no Diário do Governo de 25 de Janeiro de 1947.

Dizíamos nós ser razão da escolha do assunto desta comunicação, o facto de ter sido ele quem delineou e dirigiu a traça e a execução da referida nau.

Devo acrescentar, ainda, que era intenção cheia de entusiasmo, de Mestre Martins Barata, a reconstituição de oito modelos de embarcações da época dos Descobrimentos, para que assim esta *Casa* ficasse documentada com as seguintes embarcações históricas: duas galés, três naus, uma fusta e duas caravelas.

Infelizmente, a morte prematura do artista surpreendeu-o ⁽²⁾, não o deixando realizar o seu sonho. Ficamos, apenas, com a nau exposta, quase concluída, duas galés, uma delas aqui exposta e também quase acabada; outra menor, bastante adiantada na sua construção; duas naus em construção, sòmente com os cascos. Finalmente, em projecto duas caravelas e uma fusta ⁽³⁾.

Há esperança fundada de que as oito embarcações venham a ser concluídas, graças à colaboração do Architecto Barata, filho mais velho do falecido, esperança esta, em certo modo confirmada numa carta da Exma. Viúva do falecido Mestre, endereçada ao Senhor Eng.º Aux. Pacheco de Almada, em 7 de Junho do corrente ano, onde se lê:

«Entre as cartas que tenho que escrever esta é sem dúvida uma das mais dolorosas para mim. O Senhor Eng.º e o Senhor Doutor Pinto Ferreira sabem bem quanto entusiasmo e quanto gosto o meu marido punha em todos os assuntos de arqueologia naval, quanto desejava acabar os modelos do Porto, e fazer a sua sonhada caravela! Até aos últimos dias, direi mesmo até ao último dia, foi o seu pensamento constante!

Não permitiu Deus. Conforta-me esperar no meu filho mais velho que segue os passos do pai, e que está mesmo a continuar

(2) Martins Barata faleceu em Lisboa, a 15 de Maio de 1970.

(3) A nau e a galé expostas encontram-se sob a guarda do Gabinete de História da Cidade. As restantes espécies, bem como os respectivos planos para a reconstituição dos diferentes modelos de embarcações, estão nas Oficinas Gerais da Câmara (Vid. *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, vol. XXIII, fasc. 3-4, 1960, págs. 434 a 453).

o trabalho do Palácio da Justiça de Lisboa, que o pai deixou começado, possa ainda vir a compilar os muitos elementos deixados...».

A colaboração de Martins Barata neste trabalho de arqueologia naval tem o seu primeiro e grande mérito no facto de tudo ter sido feito graciosa e dedicadamente.

Como os trabalhos decorriam sob a sua directa orientação, permitiu que nos baixos de sua casa, à Travessa Estêvão Pinto, n.º 6, em Lisboa, se montasse uma espécie de carpintaria, onde os artistas escolhidos das Oficinas Gerais do Município Portuense trabalharam durante muitos meses.

Tornou-se verdadeiramente notória a quase paixão com que ele se devotou a tão complexa e atraente tarefa. Era realmente o seu sonho...

O valor técnico e artístico destas reconstituições fica bem realçado ao considerarmos as fontes documentais, iconográficas e bibliográficas que Martins Barata, para tal fim consultou e de entre as quais citaremos as mais significativas.

DOCUMENTOS PLÁSTICOS E ICONOGRÁFICOS:

Estampa (xilogravura) da «Estoria do Imperador Vespasiano», impressa em Lisboa em 1946.

*Illuminura do Arquivo Municipal de Lisboa (1502).
Portulanos e cartas marítimas portuguesas (de 1510 em diante).*

Quadros do Convento da Madre de Deus, em Lisboa (1520 a 1530).

Códices Bretiandos — Academia das Ciências de Lisboa (3.ª década do séc. XVI).

Illuminura de Simão Benino — Museu Britânico de Londres (cerca de 1515).

Crónica de El-Rei D. Afonso Henriques, por Duarte Galvão — Museu de Cascais (cerca de 1520).

Carracas Portuguesas — Museu de Greenwich, Londres (entre 1520 e 1535).

Roteiros de D. João de Castro (1538 a 1541).



Jaime Martins Barata



*Nau do séc. XV reconstituída
pelo Mestre Martins Barata*

Comprimento, 20 metros; Boca, 6,60 m; Pontal, 3,30 m.
(Ratio 1,2,3). Escala 1/20.

Este modelo é de um tipo de navio entre a Coga e a Urca, e presumivelmente semelhante a alguns que o Infante levou a Ceuta. Foi baseado no estudo comparado de selos e desenhos da época, de desenhos, quadros e manuscritos de épocas vizinhas e de investigações contemporâneas. A execução, feita sob a orientação imediata do autor da reconstituição, é das oficinas da Câmara Municipal do Porto, dirigidas pelo Eng.º Aux. Pacheco de Almada, com especial assistência dos artistas João Ferreira Martins e Mamede Pinto de Sousa. Maio de 1963.

UMA NAU DO SÉCULO XV

- Livro da Fábrica das Naus*, por Fernando de Oliveira (depois de 1550).
Lápida da Bica do Desterro (2.^a metade do séc. XVI).
Livro das Armadas (depois de 1550).
Livro de Lizuarte de Abreu (depois de 1558).
Livro das Fortalezas de D. Manuel (depois de 1510).
Livro das Traças de Carpintaria, por Manuel Fernandes (códice da Biblioteca da Ajuda — 1616).
Algumas gravuras do séc. XVI avançado e do séc. XVII, representando naus e galeões.

DOCUMENTOS LITERÁRIOS E BIBLIOGRÁFICOS:

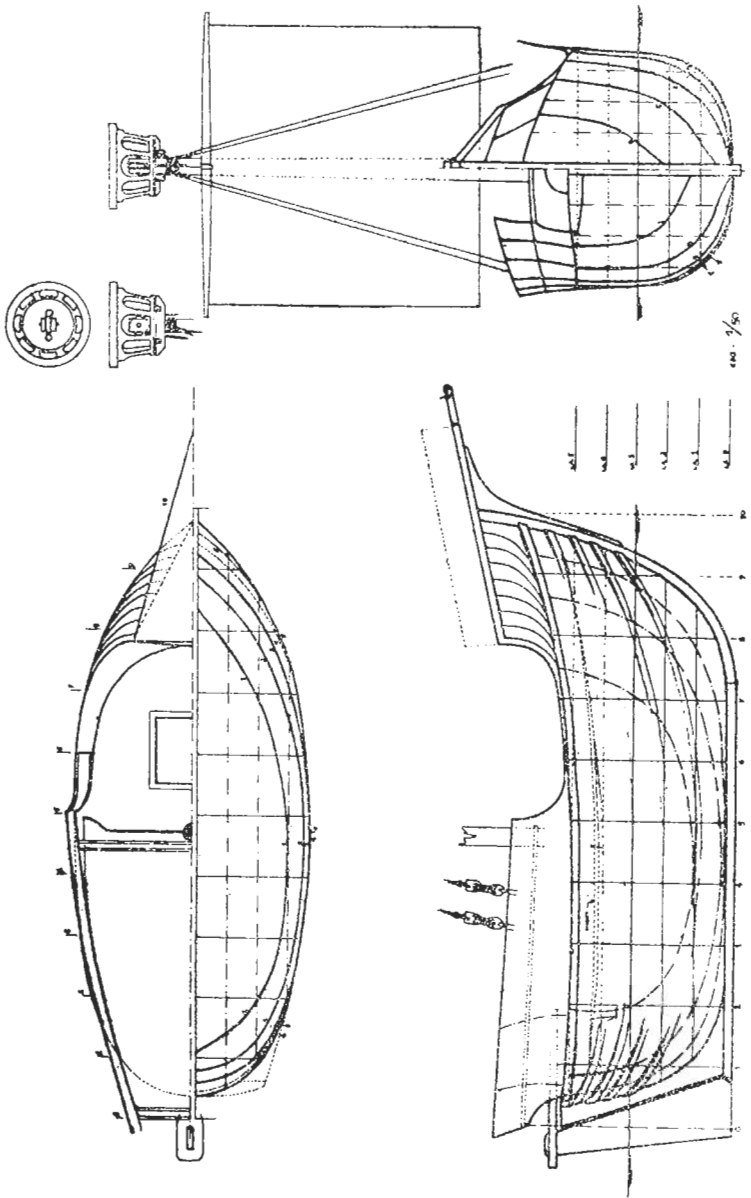
- Crónica de D. João II*, por Garcia de Resende.
Esmeraldo de Situ Orbis, de Duarte Pacheco (1505).
Diário da 1.^a viagem de Vasco da Gama, por Álvaro Velho (cerca de 1510).
Lendas da Índia, de Gaspar Correia (1561).
História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses, de Fernão Lopes de Castanheda (1551).
Décadas, de João de Barros (1552 a 1563).
Décadas, de Diogo do Couto (1562-1616).
Lusíadas, de Camões (1545-1570).
Arte da Guerra no Mar, de Fernando de Oliveira (1551).
Eléments de l'Architecture Navale, M. Duhamel du Monceau. Paris 1758.
História Marítima, N.º 90 da Biblioteca do Povo e das Escolas. Lisboa 1884.
O Navio, N.º 100 da Biblioteca do Povo e das Escolas. Lisboa 1885.
Viagens e Descobrimientos Marítimos, Vicente Almeida d'Eça. N.º 115 da Biblioteca do Povo e das Escolas. Lisboa 1885.
Marinha Portuguesa, João Brás de Oliveira, N.º 149 da Biblioteca do Povo e das Escolas. Lisboa 1887.

- Memória acerca das Construções e Armamentos Navais*, José Cândido Correa, Imprensa Nacional, Lisboa 1888.
- Artilharia*, João Maria Jales, N.º 156 da Biblioteca do Povo e das Escolas. Lisboa 1888.
- Estudos sobre Navios Portuguezes nos séculos XV e XVI*, H. Lopes de Mendonça, Academia das Ciências. Lisboa 1892.
- Notícia sobre a Nau S. Gabriel*, A. A. Baldaque da Silva, Academia das Ciências. Lisboa 1892.
- Os Navios de Vasco da Gama*, João Brás de Oliveira, Centenário do descobrimento da América, 1892.
- Relazione*, Chá Masser, Academia das Ciências. Lisboa 1892.
- Carta de El-Rei de Portugal enviada ao Rei de Castela*, Prospero Peragallo, Centenário do descobrimento da América, Academia das Ciências. Lisboa 1892.
- Navi Venete*, Augusto Levi. Edição do Autor. Veneza 1892.
- Guia de Instrução Profissional do Marinheiro*, Victorino Gomes da Costa, Imprensa Nacional. 1897.
- Construções de Naus em Lisboa e Goa*, Sena Barcellos, Boletim da Sociedade de Geografia. 1899.
- Aparelho e Manobra de Navios*, João Brás de Oliveira, Féris. Lisboa 1903.
- L'Architecture Navale depuis ses origines*, E. Van Konijnenburg, Association des Congrès de Navigation. Bruxelles 1905.
- História da Colonização Portuguesa no Brasil*, Litografia Nacional. Porto 1921.
- Old Ship Figure Heads & Sterns*, L. G. Carr, Laugh-ton, Halton & Truscott Smith. London 1925.
- Os Portuguezes no Mar*, Quirino da Fonseca, Lisboa 1926.
- Vasco da Gama*, P. L. Marini, G. P. Pavavia. Milano 1929.
- La Caravela S.^{ta} Maria*, Guillén y Tato. 1929.

UMA NAU DO SÉCULO XV

- Navires et Marines*, G. la Roerie et Ct. J. Vivielle, Editions Duchartre. Paris 1930.
- Arte Navale Italiana*, Ugo Nebbia, Instituto Italiano d'Arti Grafiche. Bergamo, 1932.
- Sailing Ships*, G. S. Laird Clowes, Science Museum. Londres 1932.
- A Representação Artística das Armadas da Índia*, Quirino da Fonseca, Academia das Ciências. Lisboa 1933.
- Traçado e Construção das Naus Portuguesas nos séculos XVI e XVII*, Eugénio Estanislau de Barros, Imprensa da Armada. 1933.
- Arquivo Histórico da Marinha*, Vol. I. 1933-36.
- A Caravela Portuguesa*, Quirino da Fonseca, Imprensa da Universidade. Coimbra 1934.
- Histoire de la Marine Française*, Claude Farrère, Flammarion. Paris 1934.
- A Cruz da Ordem de Cristo nos Navios dos Descobrimentos Portugueses*, Vieira Guimarães. 1935.
- História de Portugal*, António Matoso, Livraria Sá da Costa. Lisboa 1936.
- Dicionário Ilustrado de Marinha*, António Marques Esparteiro, Livraria Clássica Editora. Lisboa 1936.
- Navires*, Claude Farrère, Flammarion. Paris 1936.
- Navios*, Van Loon, Livraria do Globo, Porto Alegre. Brasil 1936.
- História da Expansão Portuguesa no Mundo*, Editorial Ática. Lisboa 1937.
- National Maritime Museum*, Catalogue, Greenwich 1937.
- Les Messageries Maritimes*, Jules Sottas, Société d'Éditions Géographiques. Paris 1938.
- Os Navios da descoberta*, João Brás de Oliveira, União Gráfica, Lisboa, 1940.
- Congresso do Mundo Português*, Vols. IV e V. 1940.
- Wehr und Waffen*, aJn Lautus L. Saackmann, Leipzig 1940.

- Disquisiciones nauticas*, Cesáreo Fernandez Duro, Madrid 1940.
- As pinturas das Armadas da Índia*, Frazão de Vasconcelos. 1941.
- Histoire de la Navigation*, A. Thomazi. Presses Universitaires de France. 1941.
- A Book of Ships*, Ch. Mitchell, Penguin Books. England 1941.
- The Sailing Ship*, R. & R. C. Andersen George G. Harrap & C.^a Ltd. 1947.
- La Nave nel Tempo*, Michele Vocino, Ed. Alfieri, Milano 1950.
- Sailing Ship Riggs and Rigging*, H. Underhill Brown, Son & Ferguson. Glasgow 1950.
- La Navigation Sentimentale*, Jean de La Varenne, Flammarion. Paris 1952.
- Die Schiffsfibel*, W. Rittmeister, L. Staakmann Verlag. Bamberg 1953.
- The Viking Ships*, Brogger and Shetelig Dryers Verlag. Oslo 1953.
- La Historia del Barco*, Charles E. Gibson, Espasa Calpe. Argentina 1953.
- Die Katalanische Nao von 1450*, Henrich Winter, Robert Loef Verlag. Magdeburg 1956.
- Journal de Bord de Juan de la Cosa*, Ignacio Olagué, Editions de Paris. 1957.
- Les Marchands au XVI^e Siècle*, Pierre Jeannin, Editions du Seil. Paris 1957.
- Subsídios para a História da Carreira da Índia*, Frazão de Vasconcelos, O Mundo do Livro, 1960.
- A Política de Sigilo nos Descobrimentos*, Jaime Cortesão, Centenário da Morte do Infante D. Henrique. Lisboa 1960.
- Das Hanseschiff*, Heinrich Winter, Veb Hinstorff Verlag. Rostock 1961.
- The Ship*, Bjorn Landstros, Allen & Unwin. 1961.
- Histoire Mondiale de La Marine*, Amiral Barjot e Jean Savant, Hachette. Paris 1961.



*Planos da nau do séc. XV
reconstituída pelo Mestre Martins Barata*

- Mapas antiguos del Mundo, siglos XV e XVI*, Carlos Sanz, Madrid 1962.
- Dicionário da linguagem de Marinha antiga e actual*, Humberto Leitão e Vicente Lopes, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, Lisboa 1963.
- The Viking Ship Finds*, Anders Hagem, Univers. Oldsaksaming, Oslo 1963.
- Die Kolumbus Schiffe*, Heinrich Winter, Verlag Rosstock, Leipzig 1963.
- O Livro primeiro da Architectura Naval de João Baptista Lavanha*, J. Pimentel Barata, Instituto Português de Arqueologia, 1965.
- Os Vikings*, Holger Arbmman, Verbo, Lisboa 1967.

*
* *
*

Passaremos agora a apontar algumas das características duma nau pequena do séc. XV, fundamentando-nos nos sábios esclarecimentos que generosamente ele nos proporcionou:

«*Casco* — com cerca de 20 metros de comprimento total, da roda de proa ao gio; boca com 7 metros, aproximadamente; pontal de uns 4 metros, da quilha ao convés.

Popa redonda e proa atarracada, com tilha; arco de proa sem catena sobre o convés. Verdugos ao longo do casco e algumas aposturas nos flancos acima de água, cerca da casa mestra, para reforçar e para facilitar o embarque do batel. A secção da casa mestra é, nos flancos, ligeiramente convexa, mas sem qualquer amassamento.

O casco é todo breado, conhecendo-se a separação das tábuas e a pregadura. As amuradas são pintadas interiormente de vermelho de terra.

Uma coberta e convés; este, sob a tolda, tem um nível inferior ao do restante; proa, avançando sobre a água, um castelo

ponteagudo, dentro da forma de carranca; à ré uma tolda e, sobre ela, com reduzido pé direito, uma alcáçova, cujo nível não excede o do castelo de proa.

Mastreação — lança de proa com arrufamento de cerca de 40°, cruzando, sob a tilha, o mastro do traquete. A lança tem uma verga — a da cevadeira.

Mastro do traquete, inteiriço, pequeno, muito chegado à vante, emergindo da tilha e emechando na coberta. Cruza-o a verga do traquete.

Mastro grande, inteiriço, emechado na quilha, a cerca do meio desta; tem uma gávea e nele cruzam a verga grande e a verga de gávea.

Mastro de mesena, pequeno, emerge da alcáçova e tem uma verga inclinada — a da mesena.

Massame, fixo: estais dos mastros, enxárcia magra no mastro do traquete, com pequena mesa ao nível da tilha, enxárcia grande no mastro grande e enxárcia da gávea; aparelhos volantes simples no mastro de mesena.

De laborar: os cabos indispensáveis à manobra, na sua expressão mais simples: adriças, ostagas, troças, amantes, braços, bolinas, escotas, amuras, briois, sergideiras, aústes, etc..

Cabrestante horizontal sob o arco da proa. Mesas de papoilas por ante a vante dos mastros do traquete e grande, cunhos malaguetas, etc..

Velame — redondo: vela da cevadeira, vela do traquete, vela grande e traquete da gávea.

Latino — vela da mesena.

Nenhuma cruz de Cristo nas velas.

Artilharia — alguns falcões em forquetes, nas amuradas dos Castelos, e alguns berços assestados no convés, sobre a borda...» (4).

(4) Estes dados foram posteriormente publicados. Sobre o assunto, Vid. Jaime Martins Barata, *O Navio «São Gabriel» e as Naus Manuelinas*. Separata da «Revista da Universidade de Coimbra», vol. XXIV, págs. 25 e 26, Coimbra — 1970.

Minhas Senhoras
e Meus Senhores

Vamos concluir:

Como sempre nestes casos, o exame directo e cuidadoso

que V. Ex.^{as} poderão fazer da referida nau do séc. XV e que documenta esta exposição, será a melhor confirmação da justiça das palavras despretensiosas que acabo de proferir. E, assim, tenho de antemão o subido prazer de com os meus illustres ouvintes ter prestado a merecida homenagem ao tão devotado benfeitor desta nobre *Casa*, contribuindo do mesmo modo para o enriquecimento da cultura nacional, que numa série de estudos e de trabalhos, mais do que qualquer outros se encontram intimamente ligados com o curso de toda a História Pátria — *Os Descobrimentos*.